Tomasi di Lampedusa

A Sereia

hiena editora

A SEREIA

HIENA EDITORA
Apartado 2481
1112 LISBOA CODEX

Título do original
LIGHEA
(in *I RACCONTI*, Feltrinelli, Milano 1961)

Autor
TOMASI DI LAMPEDUSA

Tradução de
JOSÉ COLAÇO BARREIROS

Capa de
RUI ANDRÉ DELÍDIA
s/ pormenor de DANTE GABRIEL ROSSETTI

Hiena Editora
Lisboa, Abril de 1993

TOMASI DI LAMPEDUSA

A SEREIA

Tradução de
JOSÉ COLAÇO BARREIROS

HIENA EDITORA

TOMASI DI LAMPEDUSA...

Poucas vidas de um modo geral tranquilas e sedentárias se tornaram tão curiosas e até carregadas de mistério como a de Giuseppe Tomasi di Lampedusa, quer no que respeita à biografia propriamente dita, quer quanto à compreensão da sua breve mas significativa passagem pela literatura.

Nascido em Palermo a 23 de Dezembro de 1896, no seio de uma das famílias da mais antiga nobreza siciliana, o príncipe de Lampedusa teve a educação típica da aristocracia da sua ilha: uma educação que não o preparava para nenhuma profissão, mas que lhe fornecia instrumentos preciosos para o seu enriquecimento cultural.

Se não acabou a sua formação escolar, em contrapartida viajou muito pelo estrangeiro, sabendo perfeitamente francês, inglês e alemão, razoavelmente espanhol e um pouco de russo, o que lhe permitia ler no original a maior parte dos grandes autores europeus.

Combatente na primeira Guerra Mundial, foi aprisionado pelos alemães e evadiu-se, atravessando a pé a Europa até chegar a Itália, o que certamente constituiu a grande aventura da sua vida. Permaneceu no exército como oficial no activo até 1920. Por coerência com os seus princípios liberais, nunca aderiu ao fascismo, embora também não se lhe conheça alguma actividade antifascista. Intensificou as suas viagens ao estrangeiro, e foi numa estada em Londres, como convidado do tio, marquês Pietro Tomasi della Torretta, embaixador de Itália, que conheceu a baronesa letona de origem italiana, Alessandra Wolff-Stomersee, com quem casou.

Durante os anos trinta, com a divisão da herança do avô, o seu património ficou reduzido

a pouco mais que o palácio da família, no centro de Palermo, que em 1943 foi totalmente destruído por um bombardeamento. Apenas conseguiu salvar parte da biblioteca, que transferiu para casa do primo, o poeta Lucio Piccolo, em Capo d'Orlando, mas também esta foi atingida por uma bomba que a destruiu. Assim, viu-se constrangido até ao seu fim a levar uma vida, se bem que desafogada, que não lhe permitia grandes luxos nem esbanjamentos.

Tinha publicado pelos trinta anos — e só descobertos em 1970, após aturada pesquisa —, assinados sob o nome de Giuseppe Tomasi di Palma, três artigos de crítica e análise literárias num mensário genovês, "Le parole e le idee", um dos quais, W. B. Yeats e o ressurgimento irlandês, *demonstra que se contou entre os primeiros conhecedores e admiradores italianos de Joyce; e parece ter abandonado depois a escrita, sem no entanto jamais deixar de ser um leitor informado, sobretudo da literatura estrangeira, dado que desprezava a narrativa italiana sua contemporânea.*

Só torna a escrever aos cinquenta e oito anos, por um lado devido a ter acompanhado o primo Lucio Piccolo a um convénio literário nas Termas de San Pellegrini onde conheceu alguns escritores, entre os quais Montale e Bassani, viagem esta que marcou o fim relativo do seu isolamento: começa a conviver com jovens literatos palermitanos, como Gioacchino Lanza (que vem a adoptar como filho) e Francesco Orlando, continuando porém a nutrir pouca simpatia pelo mundo literário; e por outro lado soube que sofria de um cancro, que oculta a todos: desde então, não pára de escrever. Além de alguns contos, elabora (desde fins de 1954 ou princípios de 1955 até meados de 1956) a sua grande obra, Il gattopardo, pensada durante vinte e cinco anos, e que logo que foi publicada, já postumamente (pela Feltrinelli em 1958, curiosamente numa edição de três mil exemplares, denotando que os próprios editores não lhe auguravam muito sucesso), veio a tornar-se um dos grandes best-sellers da época, e o impôs imediatamente entre os maiores escritores italianos de sempre, o grande clássico do

século XX. É internado em Roma em Maio de 1957 para uma desesperada tentativa de operação cirúrgica, e morre a 23 de Julho, não sem antes ver recusada a edição do romance pela Mondadori em 1956 e — numa nova versão, mais completa — pela Einaudi (pela mão de outro grande escritor siciliano, Elio Vittorini) poucos dias antes da morte. Nada tinha publicado, e mesmo como espólio deixa apenas as suas Lições sobre Stendhal, resultantes das leituras e conversas sobre literatura oitocentista com os seus jovens amigos; Os lugares da minha primeira infância, a sua primeira tentativa de expressão no campo da narrativa e um esboço da descrição do ambiente de Il gattopardo; o capítulo inicial de um novo romance a que já tinha dado título, Os gatinhos cegos; e mais dois contos, A alegria e a lei e A Sereia — no seu conjunto uma curta obra narrativa que, à excepção desta última, é composta de textos de longe menores se comparados com o seu romance.

...E A SEREIA

A Sereia *foi escrita no Verão de 1956, a seguir a um passeio à costa meridional da Sicília, particularmente a Augusta, onde o velho professor La Ciura havia conhecido em jovem o amor da Sereia, nunca mais podendo apreciar outro. É impressionante a «carga ideológica condensada neste desesperado contemplador da Morte e do Nada», no dizer de Giorgio Bassani, de modo nenhum inferior à do príncipe de Salina, D. Fabrizio Corbera.*

Toda A Sereia *está escrita com uma economia narrativa que recorda o estilo de Verga — embora não o ritmo... — e aqui tornamos à tradição dos grandes novelistas sicilianos: a acção é narrada com grande concisão, só aqui e ali salpicada de breves observações irónicas sempre perpassadas de amargura, como iremos também encontrar, apesar das diferenças temáticas e ideológicas, em Sciascia, despida de luxuriantes artifícios, árida como a paisagem sícula, seca e "magra", tal como chamava Lampedusa à prosa dos autores que considerava seus mestres (Swift, Dickens, Stendhal, Pascal, Saint-Simon, Goethe e Dostoievsky), em que «o sentido das suas páginas sucintas requer que seja integrado pela colaboração do leitor; neles o que não se diz é mais suculento que o que se diz e não é menos preciso, porque uma arte sapiente e alusiva conduz infalivelmente ao não dito o leitor perspicaz», em contraposicão com «os "gordos" que exprimem todos os aspectos e todas as cambiantes do que dizem; subtraem ao leitor a responsabilidade de deduzir e desenvolver-se a si próprio a partir das palavras deles, porque já está tudo deduzido e desenvolvido nessas palavras».*

Novela na primeira pessoa, dentro da longa tradição italiana que vem já desde Boccaccio, um "eu" que ao longo da narrativa se vai apagando como personagem para se tornar sobretudo o espaço de uma relação com a realidade, "realista" ou "fantástica" — se ao longo da novela o narrador é o jovem Paolo Corbera, imaginário membro da ilustre família de Lampedusa, o seu

ponto fulcral é o conto do professor, e ambos os narradores vão perdendo ao longo do texto o seu protagonismo inicial para se tornarem simples testemunhas, meros comparsas da que é afinal a história de outra personagem...

Aliás toda a obra ficcional de Lampedusa é apresentada sob a forma de memórias pessoais ou de família: e na Sereia, apesar do tema fantástico, também se revelam exactas todas as referências familiares, como inclusivamente a destruição do seu palácio durante a segunda Guerra. No entanto, é através da descrição do carácter do imponente senador La Ciura, com a sua postura de aristocrática dignidade, de altivo desprezo pelos valores burgueses, pela ignorância, pela mesquinhez, hipocrisia e ausência de ideais profundos, que o quase sexagenário Giuseppe Tomasi melhor se auto-retrata.

Mas o aspecto mais importante é a caracterização da verdadeira protagonista do conto, a Sereia, combinando as referências clássicas com imagens de pura emoção, em que o tema fantástico

surge inovadoramente oposto ao mito da Antiguidade: ela já não leva os homens à perdição, pelo contrário liberta-os através do amor. O ser irresistivelmente atraído por ela não é uma maldição, como pretendiam os antigos: é a nascente que jorra a vitalidade, o êxtase e a descoberta de novos prazeres e de novas sabedorias que nem sequer poderiam sonhar. A Sereia passa fugazmente pela vida dos homens e nada poderá apagar a marca da alegria e da felicidade, nem a ferida que deixa ao faltar-lhes: não os arrasta consigo para os abismos do Nada, mas tem a função quase divina de redimi-los — «as Sereias não matam ninguém, só amam».

Ao contrário do que diz a mitologia, a Sereia não enfeitiça apenas com o seu canto; o seu sorriso é um sortilégio irresistível, tanto ou mais que a voz: «não era um desses sorrisos como se vêem entre vocês, sempre abastardados por uma expressão acessória, de benevolência ou de ironia, de piedade, crueldade ou seja lá o que for; aquele exprimia-se apenas a si próprio, ou seja, uma quase bestial alegria de existir, uma quase divina felicidade».

A Sereia, numa síntese cuja simplicidade é tão absoluta que só ela pode exprimir, e através do seu próprio corpo, «ignorando toda a sensatez, desdenhando quaisquer obrigações morais, e no entanto fazendo parte do nascimento de toda a sabedoria e de toda a ética, e sendo capaz de exprimir esta sua primitiva superioridade em termos de rude beleza», é a coerente simbiose da divindade e da bestialidade, uma fonte vital, a «corrente da vida sem acidentes». É doce mesmo na crueldade, dando uma forte sensação de serenidade e harmonia mesmo nos excessos, delicadamente animal, é a graça pagã que dissipa todas as fés, destruidora das metafísicas, e que nos aponta o caminho para os eternos repousos e para um ascetismo que resulta não simplesmente da renúncia mas antes da impossibilidade de aceitar outros prazeres inferiores: se os homens não se importam de morrer, é só porque na falta da sua Sereia já não suportam a vida, não podem apreciar nem comprazer-se com outro amor que não o dela — e a sua perda provoca não o simples desgosto, por maior que seja, mas um sofrimento profundo,

que fica para sempre, tal como a indelével memória do contacto com ela.

Como último apontamento, refira-se que A Sereia, *há talvez meia dúzia de anos — cito de memória e não tenho documentação que possa confirmar-me a data — deu origem a um belo telefilme de uma hora de duração,* Lighea, *realizado por Carlo Tuzii com argumento da lendária Suso Cecchi d'Amico, guionista de praticamente todas as obras-primas do cinema italiano do pós-guerra, incluído na série produzida pela RAI-TV "Racconti italiani", que também apresentou a cinematização de contos de Calvino, Moravia, Elsa Morante, Brancati e outros, e que em seu devido tempo a sempre atenta RTP — como de costume fugindo da qualidade como o diabo da cruz — ignorou, pelo que tanto o filme como a série lamentavelmente continuam inéditos em Portugal.*

22/2/1993

José Colaço Barreiros

BIBLIOGRAFIA

BASSANI, Giorgio, "Prefazione" a Tomasi di Lampedusa, *I racconti*, Milano, Feltrinelli, 1961.

BUZZI, Giancarlo, *Invito alla lettura di Tomasi di Lampedusa*, Milano, Mursia, 1972.

GANCI, Massimo S., "La Sicilia del Gattopardo", in *Il Gattopardo. Edizione conforme al manoscritto del 1957*, Milano, Feltrinelli, 1969.

A SEREIA

Nos fins do Outono daquele ano de 1938, encontrava-me em plena crise de misantropia. Residia em Turim e a "garota" n.º 1, ao remexer-me os bolsos à procura de alguma nota de cinquenta liras enquanto eu dormia, descobrira também uma cartinha da "garota" n.º 2, que embora através de muitas incorrecções gramaticais não deixava dúvidas quanto à natureza das nossas relações.

O meu despertar tinha sido imediato e tempestuoso. O quartinho da rua Peyron ressoou de escandecências vernáculas; até sofri uma tentativa de me arrancar os olhos, que consegui fazer abortar simplesmente torcendo um pouco o pulso esquerdo da

querida menina. Esta acção de defesa plenamente justificada pôs fim à cena, mas também ao idílio. A rapariga vestiu-se à pressa, meteu na malinha a borla do pó de arroz, o "bâton", o lencinho, a nota de cinquenta "causa de tantos males", atirou-me à cara um triplo *porcalhom*! e foi-se embora. Nunca tinha sido tão bonita como naquele quarto de hora de fúria. Pela janela vi-a sair e desaparecer na neblina da manhã, alta, airosa, embelezada por uma reconquistada elegância.

Nunca mais a vi, tal como também nunca mais vi um *pull-over* de cachemira preto que me custara uma fortuna e que tinha o funesto mérito de um feitio que tanto dava para homem como para mulher. E deixou-me apenas, em cima da cama, dois ganchos de cabelo, daqueles que se chamam "invisíveis".

Nessa mesma tarde tinha encontro marcado com a n.º 2 numa pastelaria da praça Carlo Felice. À mesinha redonda no canto oeste da segunda sala que era a "nossa" não vi a cabeleira acastanhada da donzela

desejada mais do que nunca, mas sim a cara espertalhona de Tonino, um irmãozinho seu de doze anos que acabara nesse momento de engolir um chocolate duplo com natas. Quando me aproximei levantou-se com a habitual civilidade turinesa. «M'siôr» disse-me ele, «a Pinotta não vem; disse-me para lhe entregar este bilhete. B'tarde, m'siôr.» E saiu levando dois bolos que tinham ficado no prato. Pelo bilhetinho cor de marfim eu era notificado de uma ruptura absoluta, motivada pela minha infâmia e "desonestidade meridional". Era claro que a n.º 1 tinha localizado e acirrado contra mim a n.º 2 e que eu ficara sozinho no meio das duas.

Em doze horas eu perdera duas raparigas utilmente complementares entre si, mais um "pull-over" de que gostava muito; além disso também tive de pagar a despesa do infernal Tonino. O meu tão siciliano amor-próprio estava humilhadíssimo: tinha sido comido por parvo; e decidi então abandonar durante algum tempo o mundo e as suas pompas.

Para este período de retiro não se podia encontrar lugar mais cómodo que esse café da rua Po em que agora, solitário que nem um cão, passava todos os momentos livres e, sempre, as noites depois do meu trabalho no jornal. Era uma espécie de Hades povoado por sombras exangues de tenentes-coronéis, magistrados e professores reformados. Estas vazias aparências jogavam às damas ou ao dominó, imersas numa luz obscurecida durante o dia pelas portas e pelas nuvens, e à noite pelos enormes *abat-jours* verdes dos candeeiros; e nunca levantavam a voz, tementes como eram de que um som demasiado forte abalasse a débil trama da sua aparência. Um adequadíssimo Limbo.

Como animal de hábitos que sou, sentava-me sempre à mesma mesinha de canto cuidadosamente concebida para oferecer o maior incómodo possível ao cliente. À minha esquerda dois espectros de oficiais superiores jogavam ao gamão com duas larvas de

conselheiros do tribunal; os dados militares e judiciários saltitavam frouxamente para fora do copo de couro. À minha esquerda sentava-se sempre um senhor de idade muito avançada, enfiado num sobretudo gasto com colete de um *astrakan* puído. Lia sem parar revistas estrangeiras, fumava charutos toscanos e cuspia com frequência; de vez em quando fechava as revistas, e parecia ficar a seguir qualquer recordação nas volutas do fumo. Depois, recomeçava a ler e a cuspir. Tinha umas mãos feiíssimas, nodosas, avermelhadas com as unhas cortadas a direito e nem sempre muito limpas, mas uma vez em que numa das suas revistas se deparou com a fotografia de uma estátua grega arcaica, das que têm os olhos afastados do nariz e um sorriso ambíguo, surpreendi-me ao ver que as disformes pontas dos seus dedos acariciavam a imagem com uma delicadeza que mais parecia própria de reis. Apercebeu-se de que eu o tinha notado, grunhiu de fúria e mandou vir uma segunda bica.

As nossas relações teriam ficado naquele plano de latente hostilidade se não se tivesse dado um infeliz incidente. Eu trazia da redacção cinco ou seis jornais, e entre eles trouxe uma vez o *Giornale di Sicilia*. Estávamos nos anos em que o Minculpop, o Ministério da Cultura Popular, atacava com maior força, e todos os jornais eram idênticos; aquele número do diário de Palermo era mais banal que nunca e só se distinguia de um jornal de Milão e de Roma pela imperfeição tipográfica; portanto a leitura que fiz dele foi muito breve e abandonei-o logo em cima da mesa. Ainda mal tinha iniciado a contemplação de outra encarnação do Minculpop quando o meu vizinho me dirigiu a palavra:

— O senhor desculpe-me. Importava-se que eu desse uma vista de olhos pelo seu *Giornale di Sicilia*? É que sou siciliano e há vinte anos que não me acontece ver um jornal de lá dos meus lados. — A voz era extremamente cultivada, a pronúncia impecável;

os olhos pardacentos do velho fixavam-me com profunda indiferença.

— Faça favor. Sabe, também sou siciliano, se o desejar não me custa nada trazer-lhe o jornal todas as noites.

— Obrigado, não creio que seja necessário, a minha curiosidade é simplesmente física. Se a Sicília ainda está como nos meus tempos, imagino que lá nunca acontece nada de bom, como desde há três mil anos.

Leu distraidamente o jornal, dobrou-o, devolveu-mo e mergulhou na leitura de um opúsculo. Quando se foi embora queria evidentemente passar sem me cumprimentar, mas eu levantei-me e apresentei-me; murmurou entre dentes o nome, que não compreendi; mas não me estendeu a mão; à porta, no entanto, voltou-se, levantou o chapéu e gritou com força: «Até à vista, patrício.» Desapareceu pela porta deixando-me atónito e provocando gemidos de desaprovação entre as sombras que jogavam.

Cumpri os ritos mágicos destinados a fazer materializar-se um criado e perguntei-lhe mostrando a mesa vazia:

— Quem era aquele senhor?

— Aquêl — respondeu-me, — aquêl é u senadôur Rosario La Ciura.

O nome dizia muito, mesmo à minha lacunosa cultura jornalística: era o de um dos cinco ou seis italianos que possuem uma reputação universal e indiscutível, o do mais ilustre helenista dos nossos tempos. Explicavam-se as grossas revistas e a gravura acariciada; e também a agressividade e o oculto requinte.

No dia seguinte, no jornal, fui vasculhar no singular ficheiro que contém as notícias necrológicas ainda *in spe*. Lá estava a ficha "La Ciura", razoavelmente redigida, como era raro acontecer. Dizia que o grande homem tinha nascido em Aci-Castello (Catânia) no seio de uma pobre família da pequena burguesia, que graças a uma espantosa aptidão para o estudo do grego e

à força de bolsas de estudo e de publicações eruditas obtivera aos vinte e sete anos a cátedra de literatura grega na Universidade de Pavia; que depois fora convidado para a de Turim, onde tinha permanecido até atingir o limite de idade; tinha efectuado cursos em Oxford e em Tübingen e feito muitas viagens, por vezes mesmo longas, porque, senador antes do fascismo e académico dos prestigiados Linces, era também doutor "honoris causa" de Yale, Harvard, Nova Delhi e Tóquio para além, bem entendido, das mais ilustres universidades europeias desde Upsala a Salamanca. A lista das suas publicações era longuíssima e muitas das suas obras, especialmente sobre os dialectos jónicos, eram consideradas fundamentais; basta dizer que tinha sido encarregado — o único estrangeiro — de organizar a edição teubneriana de Hesíodo de que tinha feito uma introdução latina de inultrapassada profundidade científica; por fim, glória máxima, não era membro da Academia de

Itália, ligada ao regime. O que sempre o tinha distinguido dos outros todavia também eruditíssimos colegas era o sentido vivo, quase carnal, da antiguidade clássica, sentido esse que se encontrava manifestado numa recolha de ensaios de temas italianos, *Homens e deuses*, que era considerada obra não só de elevada erudição como também de viva poesia. Em resumo, era "a honra de uma nação e um farol de todas as culturas", assim concluia o autor da ficha. Tinha setenta e cinco anos e vivia, longe da opulência, mas decorosamente com a sua reforma e o subsídio senatorial. Era solteiro.

É inútil negá-lo: nós italianos filhos (ou pais) em primeiras núpcias do Renascimento consideramos o Grande Humanista superior a qualquer outro ser humano. A possibilidade de me encontrar agora na diária proximidade do mais elevado representante desta sapiência delicada, quase necromântica e pouco lucrativa, lisonjeava-me e perturbava-me; experimentava as mesmas sensa-

ções que um jovem norte-americano ao ser apresentado ao senhor Gillette: temor, respeito e uma forma particular de inveja nada ignóbil.

À noite desci ao Limbo com um espírito bem diferente do dos dias anteriores. O senador já estava no seu lugar e respondeu ao meu cumprimento reverente com um murmúrio mal perceptível. Porém quando acabou de ler um artigo e de completar uns apontamentos numa agenda, virou-se para mim e com a voz estranhamente musical, disse-me:

— Patrício, pela maneira como me cumprimentaste percebi que alguma destas larvas aqui te disse quem sou eu. Esquece-o e, se ainda não o fizeste, esquece-te também dos aoristos que estudaste no liceu. Diz-me antes como te chamas porque ontem à noite fizeste a apresentação balbuciada do costume e eu não tenho, como tu, o recurso de perguntar o teu nome a qualquer um porque aqui, certamente, ninguém te conhece.

Falava com uma insolente indiferença; via-se que para ele eu valia bastante menos que um escaravelho, era uma espécie daqueles grãozinhos de poeira que passam a revolutear sem destino nos raios do sol. Mas a voz pacata, a palavra precisa, o "tu", davam a sensação da serenidade de um diálogo platónico.

— Chamo-me Paolo Corbera, nasci em Palermo onde me licenciei em direito; agora trabalho aqui na redacção do *La Stampa*. Para ficar descansado, senador, acrescento que no curso liceal tive "cinco mais" em grego, e que tenho razões para pensar que o "mais" foi lá posto precisamente para poderem dar-me o diploma.

Sorriu com meia boca.

— Obrigado por mo dizeres, é melhor assim. Detesto falar com gente que julga saber quando afinal ignora, como os meus colegas da Universidade; no fundo, só conhecem as formas exteriores do grego, as suas esquisitices e deformidades. O espírito

vivo desta língua estupidamente chamada "morta" nunca lhes foi revelado. Aliás, nunca lhes foi revelado nada. Pobre gente, de resto: como poderiam dar por este espírito se nunca tiveram ocasião de ouvir o grego?

O orgulho, muito bem, é preferível à falsa modéstia; mas a mim parecia-me que o senador estava a exagerar; ocorreu-me até a ideia de que os anos teriam conseguido amolecer um pouco aquele cérebro excepcional. Os pobres diabos dos seus colegas tinham tido tantas ocasiões de ouvir grego antigo como ele, isto é, nunca.

E prosseguiu:

— Paolo... Tens a sorte de te chamares como o único apóstolo que tinha alguma cultura e uns certos laivos de belas-letras. Porém Jerónimo seria melhor. Os outros nomes que vós cristãos usais por aí são realmente demasiado vis. Nomes de escravos.

Continuava a decepcionar-me; parecia mesmo o habitual mata-frades académico com mais uma pitada de nietzscheísmo fascista. Seria possível?

Mas continuava a falar com uma fascinante modulação da voz e com o arrebatamento de quem talvez tivesse estado muito tempo em silêncio.

— Corbera... Estou enganado ou este não é um grande nome siciliano? Lembro-me de que o meu pai pagava pela nossa casa de Aci-Castello uma pequena renda anual à administração de uma casa Corbera de Palina ou Salina, já não me lembro bem. Aliás, de todas as vezes dizia a brincar que se houvesse no mundo uma certeza, seria a de que aquelas poucas liras nunca cairiam nos bolsos do "domínio directo", como dizia ele. Mas tu és mesmo um desses Corbera ou só o descendente de qualquer camponês que adoptou o nome do senhor?

Confessei que era mesmo um Corbera di Salina, ou melhor, o único exemplar sobrevivente desta família; todos os faustos, todos os pecados, todas as rendas inexactas, todos os pesos não pagos, em resumo todas as Leopardarias, estavam concentradas só em

mim. Paradoxalmente o senador pareceu ficar contente.

— Bem, bem. Eu tenho muita consideração pelas velhas famílias. Possuem uma memória, minúscula é certo, mas de qualquer modo sempre maior que as outras. É o que de melhor vós podeis alcançar no que respeita à imortalidade física. Resolve casar cedo, Corbera, dado que vós não encontrastes nada melhor, para sobreviver, que dissipar o vosso sémen pelos lugares mais estranhos.

Decididamente irritava-me. "Vós, vós..." Quem era o vós? Todo o vil rebanho que não tinha a sorte de ser o senador La Ciura? E ele conseguira-a, a imortalidade física? Ninguém diria, ao ver aquela cara rugosa, o corpo pesado...

— Corbera di Salina — prosseguia impassível. — Não te ofenderás se continuar a tratar-te por tu como a qualquer um dos meus estudantezinhos, que se tornam homens num instante?

Declarei-me não só honrado mas feliz, como de facto estava. Superadas agora as questões de nomes e de protocolo, falou-se da Sicília. Ele há vinte anos que não punha os pés na ilha e da última vez que tinha estado lá em baixo (assim dizia, à maneira piemontesa) só ficara cinco dias, em Siracusa, para discutir com Paolo Orsi algumas questões sobre a alternância dos semi-coros nas representações clássicas.

— Recordo-me que me quiseram levar de carro de Catânia a Siracusa; só aceitei quando soube que em Augusta a estrada passa longe do mar, enquanto o caminho de ferro é pelo litoral. Conta-me coisas da nossa ilha; é uma bela terra, embora povoada de burros. Os Deuses passaram por lá, e talvez naqueles Agostos inesgotáveis ainda por lá passem. Mas não me fales desses quatro templos muito recentes que lá têm, até porque não percebes nada disso, tenho a certeza.

Assim falámos da Sicília eterna, da das coisas da natureza; do perfume do rosma-

ninho nos Nébrodas, do gosto do mel de Melilli, do ondular das searas num dia ventoso de Maio como se vê em Enna, da solidão à volta de Siracusa, das rajadas de perfumes lançadas, como se diz, sobre Palermo pelos laranjais durante certos crepúsculos de Junho. Falamos de encanto de certas noites de Verão à beira do golfo de Castellamare, quando as estrelas se reflectem no mar que dorme e o espírito de quem está deitado no meio das aroeiras se perde no turbilhão do céu enquanto o corpo, tenso e vigilante, teme a aproximação dos demónios.

Ao fim de uma ausência quase completa de cinquenta anos o Senador conservava uma memória singularmente precisa de alguns pormenores mínimos:

— O mar; o mar da Sicília é o mais colorido, o mais romântico de todos os que vi; será a única coisa que nunca conseguireis estragar, fora das cidades, bem entendido. Nas tasquinhas à beira-mar ainda servem os ouriços cheios de espinhos partidos ao meio?

Sosseguei-o acrescentando porém que já poucos os comem agora, com medo da febre tifóide.

— E no entanto são a coisa mais bela que tendes lá em baixo, aquelas cartilagens sanguíneas, aqueles simulacros de orgãos femininos, perfumados de sal e de algas. Qual febre tifóide! Serão perigosos como todos os dons do mar que dá a morte juntamente com a imortalidade. Em Siracusa pedi-os peremptoriamente a Orsi. Que sabor, que aspecto divino! A mais bela recordação dos meus últimos cinquenta anos!

Eu estava confundido e fascinado; um homem destes abandonar-se a metáforas quase obscenas, a exibir uma gula quase infantil pelas, afinal medíocres, delícias dos ouriços do mar!

Falámos ainda por muito tempo e ele, quando se foi embora, insistiu em pagar-me a bica, não sem manifestar a sua singular rudeza («Já se sabe, estes rapazes de boas famílias nunca têm um tostão no bolso»), e

separámo-nos amigos se não se quiser tomar em consideração os cinquenta anos que se entrepunham entre as nossas idades e os milhares de anos-luz que separavam as nossas culturas.

Continuámos a encontrar-nos todas as noites e, embora o fumo do meu furor contra a humanidade começasse a dissipar-se, sentia o dever de nunca faltar ao encontro com o senador nas profundezas da rua Po; não porque se falasse muito: ele continuava a ler e a tirar apontamentos e só me dirigia a palavra de vez em quando, mas quando falava era sempre num harmonioso fluir de orgulho e de insolência, misturado com alusões diversas, com rasgos de incompreensível poesia. Continuava também a cuspir e acabei por observar que só o fazia enquanto lia. Creio que ele também sentia um certo afecto por mim, mas não tenho grandes ilusões: se havia afecto não era o que um de "nós" (para usar a terminologia do senador) pode sentir por um ser humano mas

antes parecia-se com o que uma velha solteirona pode ter pelo seu canário de que conhece a fatuidade e a incompreensibilidade mas cuja existência lhe permite exprimir em voz alta queixas em que o bicho não tem o menor papel; mas se este não existisse ela sentir-se-ia mal. Com efeito, comecei a notar que quando me atrasava os olhos altivos do velho estavam fixos na porta de entrada. Demorou cerca de um mês para que das considerações, originalíssimas sempre mas muito genéricas, por parte dele, se passasse aos assuntos indiscretos que afinal são os únicos que distinguem as conversas entre amigos das que se fazem entre simples conhecidos. Fui eu mesmo a tomar a iniciativa. Aquele seu acto frequente de cuspir incomodava-me (tinha incomodado até os porteiros do Hades que acabaram por colocar junto do lugar dele um escarrador de latão polidíssimo) de modo que uma noite atrevi-me a perguntar-lhe por que motivo não se tratava deste seu insistente catarro. Fiz a

pergunta sem reflectir, arrependi-me logo de tê-la arriscado e fiquei à espera de que a ira senatorial fizesse tombar sobre a minha cabeça o estuque do tecto. Mas afinal a voz bem timbrada respondeu-me pacata:

— Meu caro Corbera, eu não tenho nenhum catarro. Tu que observas tudo com tanta atenção já deverias ter notado que nunca tusso antes de cuspir. O cuspir em mim não é sinal de doença mas sim de saúde mental: cuspo só por nojo das asneiras que vou lendo; se te quiseres dar ao trabalho de examinar aquela coisa (e mostrava o escarrador) verificarás que só contém pouquíssima saliva e nenhum sinal de muco. O meu cuspir é simbólico e altamente cultural; se não gostares volta para os teus salões natais em que só não se cospe porque ninguém se quer enojar de nada. — A extraordinária insolência era atenuada apenas pelo olhar longínquo, pelo que me deu vontade de me levantar e de deixá-lo ali sozinho; felizmente ainda tive tempo para reflectir que a culpa tinha sido do

meu atrevimento. Fiquei, e o impassível senador passou imediatamente ao contra--ataque. — E tu, afinal, para que frequentas este Érebo pleno de sombras e, como tu dizes, de catarros, este lugar geométrico de vidas falhadas? Em Turim não faltam dessas criaturas que vós achais tão desejáveis. Uma volta pela pensão do Castello, por Rivoli ou por Moncalieri ao estabelecimento balnear é o bastante para realizardes em breve o vosso imundo entretenimento.

Comecei a rir ao ouvir de uma boca tão sapiente informações assim exactas àquele ponto sobre os lugares de prazer turineses.

— Como pode o senhor conhecer essas moradas, senador?

— Conheço-as, Corbera, conheço-as. Frequentando os Senados Académicos e políticos aprendem-se estas coisas, só estas e mais nenhumas. Mas tens de me fazer o favor de acreditar que os sórdidos prazeres que vós tendes nunca foram coisa para Rosario La Ciura. — Pressentia-se que era verdade; na

compostura e nas palavras do senador havia o sinal inequívoco (como se dizia em 1938) de uma reserva sexual que não tinha nada a ver com a idade.

— A verdade, senador, é que comecei mesmo a vir aqui como que para um temporário retiro afastado do mundo. Tive problemas precisamente com duas dessas raparigas que o senhor tão justamente estigmatizou.

A resposta foi fulminante e impiedosa.

— Cornos, eh, Corbera? ou então doenças?

— Nenhuma das duas coisas: foi pior: abandono. — E narrei-lhe os ridículos acontecimentos de dois meses antes. Contei-lhos de maneira jovial, porque a úlcera no meu amor-próprio estava realmente cicatrizada; qualquer pessoa que não fosse aquele helenista do diabo teria gozado comigo ou, excepcionalmente, sentido pena de mim. Mas aquele velho temível não fez nem uma coisa nem outra: pelo contrário, indignou-se.

— Eis o que sucede, Corbera, quando se acasalam seres doentios e miseráveis.

De resto, diria o mesmo às duas putéfias falando de ti, se tivesse o azar de encontrá-las.

— Doentias, senador? Estavam ambas óptimas; havia de vê-las comer quando íamos almoçar aos Specchi; e também não eram nada miseráveis: eram raparigas magníficas, e também elegantes.

O senador sibilou um dos seus escarros de desdém.

— Doentias, disse bem, doentias; daqui a cinquenta, sessenta anos, talvez até muito antes, morrerão; portanto estão desde já doentes. E miseráveis também: bela elegância a delas, feita de quinquilharias, de *pull-overs* roubados e de meneios que aprenderam no cinema. Bela generosidade a delas, de irem à pesca de notas gordurentas nos bolsos do amante em lugar de lhe oferecerem, como fazem outras, pérolas cor-de-rosa e ramos de coral. Eis o que acontece quando alguém se mete com estas berradelas pintalgadas. E não sentíeis nojo, nem elas nem tu, nem tu nem elas, de beijocardes estas vossas

futuras carcaças no meio de lençóis mal cheirosos?

Respondi estupidamente:

— Mas os lençóis estavam sempre lavadíssimos, senador!

Ficou furioso.

— E que têm os lençóis a ver com isso? O inevitável fedor a cadáver era o vosso. Repito, como conseguis entrar em orgias com gente da laia delas e da tua?

Eu que já tinha deitado o olho para uma deliciosa "*cousette*" de Ventura, fiquei ofendido.

— Mas então, nem sempre se pode ir para a cama só com Altezas Sereníssimas!

— Quem te falou de Altezas Sereníssimas? Elas são carne como as outras. Mas estas coisas não podes compreendê-las, rapaz, eu é que fiz mal em dizer-tas. É fatal que tu e as tuas amigas acabeis por atolar-vos nos mefíticos pântanos dos vossos prazeres imundos. São pouquíssimos os que sabem. — Com os olhos no tecto pôs-se a sorrir; o seu rosto

tinha uma expressão arrebatada; depois estendeu-me a mão e saiu.

Não se fez vivo durante três dias, no quarto dia telefonaram-me para a redacção.

— É *monsú* Corbera? eu sou Bettina, a governanta do senhor senador La Ciura. Manda-lhe dizer que apanhou uma forte constipação, que agora está melhor e que quer vê-lo esta noite depois do jantar. Venha à rua Bertola 18, às nove; no segundo andar. — A comunicação, peremptoriamente interrompida, tornou-se inapelável.

O número 18 da rua Bertola era um velho prédio mal conservado, mas o apartamento do senador era amplo e bem arranjado, suponho que graças às insistências de Bettina. A partir da sala de entrada começavam as fileiras de livros, daqueles livros de aspecto modesto e de encadernação barata de todas as bibliotecas vivas. Eram aos milhares nas três salas que atravessei. Na quarta estava o senador sentado, envolvido num

larguíssimo roupão de pêlo de camelo, fino e macio como eu nunca tinha visto. Soube depois que não era de camelo que se tratava, mas sim da preciosa lã de um bicho peruano e que era uma oferta do Senado Académico de Lima. O senador não se levantou quando entrei, mas recebeu-me com grande cordialidade; estava melhor, aliás completamente restabelecido, e contava tornar à circulação assim que se atenuasse a vaga de geada que naqueles dias se abatera sobre Turim. Ofereceu-me vinho resinoso cipriota, presente do Instituto Italiano de Atenas, uns atrozes *lukums* cor-de-rosa, oferecidos pela Missão Arqueológica de Ankara, e uns bem mais racionais bolos turineses adquiridos pela previdente Bettina. Estava de tão bom humor que sorriu bem duas vezes com a boca toda e chegou mesmo a pedir desculpa pelas suas escandecências no Hades.

— Bem sei, Corbera, fui excessivo nos termos, embora moderado nos conceitos, acredita. Não ligues. — Realmente não ligara,

aliás sentia-me cheio de respeito por aquele velho de quem eu suspeitava que fosse infeliz apesar da sua carreira triunfal.

Devorava aqueles abomináveis *lukums*.

— Os doces, Corbera, devem ser doces e basta. Se tiverem também outro sabor são como beijos perversos. — Dava abundantes pedaços a Eaco, um grande boxer que a certa altura viera para a sala. — Este, Corbera, para quem souber compreendê-lo, é mais parecido com os Imortais que as tuas lambisgóias. — Recusou-se a mostrar-me a biblioteca. — Tudo coisas clássicas que não podem interessar um tipo como tu, moralmente chumbado a grego.

Mas fez-me dar a volta à sala em que estávamos, que era também o seu escritório. Havia poucos livros e entre eles notei o Teatro de Tirso de Molina, a *Undine* de La-motte-Fouqué, o drama homónimo de Giraudoux e, para minha grande surpresa, as obras de H. G. Wells; mas em compensação nas paredes havia fotografias enormes, de tama-

nho natural, de estátuas gregas arcaicas; e não as fotografias do costume que todos nós podemos arranjar mas sim exemplares estupendos evidentemente pedidos com autoridade e enviados com devoção pelos museus de todo o mundo. Estavam lá todas essas magníficas criações: o "Cavaleiro" do Louvre, a "Deusa seduzida" de Taranto que está em Berlim, o "Guerreiro" de Delfos, a "Koré" da Acrópole, o "Apolo de Piombino", a "Mulher Delapidada" e o "Febo" de Olímpia, o celebérrimo "Auriga"... A sala reluzia dos seus sorrisos estáticos e ao mesmo tempo irónicos, exaltava-se na resposta altiva do seu porte. — Vê, Corbera, estas talvez sim; as "garotinhas" não.

Por cima da lareira ânforas e vasos antigos: Odisseus amarrado ao mastro do navio, as Sereias que do alto do rochedo vinham esfacelar-se nos escolhos em expiação por terem deixado fugir a presa.

— São patranhas, Corbera, patranhas pequeno-burguesas dos poetas; ninguém

escapa e mesmo que algum conseguisse fugir-lhes as Sereias não morreriam por tão pouco. Aliás, como poderiam morrer?

Em cima de uma mesinha, numa moldura modesta, uma fotografia velha e desbotada; um jovem de vinte anos, quase nu, de cabelo encaracolado em desalinho, com uma expressão atrevida nas feições de rara beleza. Perplexo, detive-me um instante: julguei ter compreendido. De modo nenhum.

— E este, patrício, este era e é, e será (acentuou com força) Rosario La Ciura.

O pobre senador em robe tinha sido um jovem Deus.

Depois falámos de outras coisas e antes que me fosse embora mostrou-me uma carta em francês do Reitor da Universidade de Coimbra que o convidava a fazer parte do comité de honra no Congresso de Estudos Helénicos que em Maio se realizaria em Portugal.

— Estou muito satisfeito; embarco em Génova no *Rex* juntamente com os congres-

sistas franceses, suíços e alemães. Tal como Odisseus taparei as orelhas para não ouvir as patranhas daqueles atrasados mentais, e serão belos dias de navegação: sol, azul, cheiro a maresia.

À saída passámos pela estante em que estavam as obras de Wells e atrevi-me a espantar-me por vê-las ali.

— Tens razão, Corbera, são um horror. E há um romance que se voltasse a lê-lo me daria vontade de cuspir durante um mês sem parar; e tu, cãozinho de salão como és, ficarias escandalizado.

A seguir a esta visita as nossas relações tornaram-se decididamente cordiais; pelo menos por minha parte. Fiz elaboradas diligências para mandar vir de Génova ouriços do mar bem frescos. Quando soube que estavam a chegar, na véspera arranjei vinho do Etna e pão caseiro bem camponês e, ainda receoso, convidei o senador a visitar o meu apartamento. Para meu grande alívio

aceitou com a maior cortesia. Fui buscá-lo no meu Balilla, e arrastei-o até à Via Peyron que é lá em casa do diabo mais velho. No carro senti-o com um certo medo e sem a menor confiança na minha perícia de condutor.

— Já te conheço, Corbera; se tivermos a desventura de encontrar um dos teus espantalhos em combinação, viras-te logo para trás e vamos os dois bater com o focinho numa esquina. — Não encontrámos nenhum aborto de saias digno de atenção e chegámos intactos.

Pela primeira vez desde que o conhecia vi o senador rir: foi quando entrámos no meu quarto.

— E assim, Corbera, é este o centro das tuas nojentas aventuras. — Examinou os meus poucos livros. — Bem, bem. Talvez sejas menos ignorante do que pareces. Este aqui — acrescentou pegando no meu Shakespeare — este aqui sabia alguma coisa. *"A sea change into something rich and strange." "What potions have I drunk of Syren tears?"*

Quando entrou na sala de jantar a boa senhora Carmagnola com a travessa dos ouriços, o limão e o resto, o senador ficou estático.

— Como? Pensaste nisto? Como sabes que são a coisa que mais desejo?

— Pode comê-los descansado, senador, esta manhã ainda estavam no mar da Riviera.

— Sim, sim, vocês são sempre os mesmos, com os vossos servidores de decadência, de putrefacção; sempre com os longos ouvidos a espiar o frufru dos passos da Morte. Pobres diabos! Obrigado, Corbera, foste um bom fulano. É uma pena que não sejam do mar lá de baixo, estes ouriços, que não estejam envolvidos nas nossas algas; os seus espinhos certamente nunca fizeram correr um sangue divino. É certo que fizeste os possíveis, mas estes ouriços são quase bravos, que dormitavam nos frios rochedos de Nervi ou de Arenzano.

Via-se que era um desses sicilianos para quem a Riviera Lígure, região tropical para os

milaneses, não passa de uma espécie de Islândia. Os ouriços, abertos, mostravam a sur carne ferida, sanguínea, estranhamente compartimentada. Nunca tinha reparado neles antes, mas agora, após as bizarras comparações do senador, pareciam-me de facto um corte feito sabe-se lá em que delicados orgãos femininos. Ele saboreava-os com avidez mas sem alegria, em recolhimento, quase compungido. Não quis deitar--lhes limão por cima.

— Vocês, sempre com os vossos sabores misturados! O ouriço deve saber também a limão, o açúcar também a chocolate, o amor também a paraíso!

Quando acabou bebeu um gole de vinho, e fechou os olhos. Depois virou-se para mim.

— Já estiveste alguma vez em Augusta, Corbera?

Tinha feito lá os três meses da recruta; durante as horas de saída, dois ou três apanhávamos um barco e dávamos uma volta pelas águas transparentes dos golfos.

Após a minha resposta calou-se; depois, com voz irritada:

— E naquela enseada interior, para cima da Punta Izzo, por detrás da colina sobranceira às salinas, vocês malandros foram alguma vez?

— Claro, é o lugar mais belo da Sicília, por sorte ainda não descoberto pelos turistas. A costa é selvagem, não é, senador? Completamente deserta, não se vê nem uma casa; o mar é da cor dos pavões, e mesmo em frente, para lá destas ondas cambiantes, ergue-se o Etna; de nenhum outro lugar é tão belo como dali, calmo, possante, realmente divino. É um daqueles lugares em que se vê um aspecto eterno dessa ilha que tão insensatamente virou as costas à sua própria vocação que era a de servir de pasto aos rebanhos do sol.

O senador calou-se. Depois:

— És bom rapaz, Corbera; se não fosses tão ignorante, poder-se-ia fazer alguma coisa de ti. — Aproximou-se, e beijou-me na

fronte. — Agora vai buscar a tua maquineta. Quero ir para casa.

Durante as semanas seguintes continuamos a ver-nos como de costume. Agora dávamos grandes passeios nocturnos, em geral pela Via Po abaixo e através da militaresca Piazza Vittorio, íamos ver o rio apressado e a Colina, onde estes intercalam um poucochinho de fantasia no rigor geométrico da cidade. Estava a começar a primavera, a comovente estação de juventude ameaçada; nas margens despontavam os primeiros lilazes, os mais apressados dos acasalamentos sem abrigo já desafiavam a humidade das ervas.

— Lá em baixo o sol já queima, as algas florescem; os peixes afloram à tona de água nas noites de luar e entrevê-se o deslizar de corpos entre as espumas luminosas; estamos aqui diante desta corrente de água insípida, deserta, destes barracões que mais parecem soldados ou frades alinhados; e ouvimos os

soluços destes ajuntamentos de agonizantes.

Contudo alegrava-o pensar na próxima navegação até Lisboa; a partida já estava próxima.

— Vai ser agradável; deverias vir também; mas é uma pena que não haja lugar para os deficientes em grego; comigo ainda se pode falar em italiano, mas se com Zuckmayer ou Van der Voos não demonstrasses que conhecias os optativos de todos os verbos irregulares estarias tramado; embora da realidade grega talvez tenhas mais consciência que eles; não por cultura, claro, mas sim por instinto animalesco!

Dois dias antes da sua partida para Génova disse-me que no dia seguinte não viria ao café mas que me esperava em sua casa às nove da noite.

O cerimonial foi o mesmo da outra vez: as imagens dos deuses de há três mil anos irradiavam juventude tal como um fogão

irradia calor; a desvanecida fotografia do jovem Deus de há cinquenta anos parecia perdida a fixar a sua própria metamorfose, envelhecida e mergulhada na poltrona.

Depois de se beber o vinho de Chipre o senador chamou a Bettina e disse-lhe que podia ir para a cama. «Eu mesmo acompanho o senhor Corbera quando se for embora.»

— Vês, Corbera, se te mandei vir cá esta noite com o risco de te fazer desmarcar uma das tuas fornicações em Rivoli, é porque preciso de ti. Parto amanhã e na minha idade quando saímos nunca se sabe se não teremos de ausentar-nos para sempre; especialmente quando se vai por mar. Sabes, no fundo, gosto de ti: a tua ingenuidade comove-me, as tuas descobertas maquinações vitais divertem-me; e parece-me que compreendi que tu, como acontece a alguns sicilianos da espécie melhor, conseguiste realizar a síntese dos sentidos e da razão. Assim mereces que eu não te deixe de boca vazia, sem te ter explicado a razão de

algumas estranhezas minhas, de algumas frases que disse à tua frente e que certamente te parecerão dignas de um louco.

Protestei fracamente:

— Não compreendi muitas das coisas que disse; mas sempre atribuí a incompreensão à incapacidade da minha mente, e nunca a uma aberração da sua.

— Deixa lá, Corbera, também é o mesmo. Todos nós velhos parecemos loucos aos vossos olhos jovens, e afinal é muitas vezes o contrário. Porém, para me explicar, terei de te contar a minha aventura que é pouco frequente. Aconteceu quando eu era "aquele menino ali" — e apontou-me a sua fotografia. — Temos de remontar a mil oitocentos e oitenta e sete, uma era que te parecerá pré-histórica mas que para mim não o é.

Saiu do seu lugar atrás da secretária, vindo-se sentar no mesmo sofá em que eu estava.

— Desculpa, sabes, mas daqui a pouco terei de falar em voz baixa. As palavras

importantes não podem ser gritadas. O "grito de amor" ou de ódio só se encontra nos melodramas ou no meio de gente mais inculta, que afinal são a mesma coisa. Ora, em mil oitocentos e oitenta e sete tinha eu vinte e quatro anos; o meu aspecto era o daquela fotografia; tinha já a licenciatura em letras antigas, publicado dois opúsculos sobre os dialectos jónicos que tinham feito um certo rumor na minha universidade; e há um ano que me preparava para o concurso para a Universidade de Pavia. Além disso nunca me aproximara de uma mulher. De mulheres, para dizer a verdade, nunca me aproximei nem antes nem depois desse ano. — Tenho a certeza de que a minha cara ficara de uma marmórea impassividade mas enganava-me. — É muito ordinário esse teu piscar de olho, Corbera: o que digo é verdade; verdade e também orgulho. Bem sei que nós cataneses passamos por ser capazes de engravidar as nossas amas de leite, e será verdade. Mas quanto a mim, não. Quando se frequentam

dia e noite deusas e semi-deusas como fazia eu nesses tempos, resta-nos pouca vontade de subir as escadas dos prostíbulos de S. Berilo. Aliás, nessa altura era também retido por escrúpulos religiosos. Corbera, devias ter aprendido a controlar as tuas pestanas: traem-te constantemente. Escrúpulos religiosos, disse eu, sim. E disse também "nessa altura". Agora já não os tenho; mas quanto a este aspecto não me serviu de nada.

Tu, Corberinha, que provavelmente ganhaste o teu emprego no jornal a seguir a um bilhetinho de qualquer poderoso, não sabes o que é a preparação para um concurso a uma cátedra universitária de literatura grega. Durante dois anos é preciso trabalhar até ao limite da demência. A língua, por sorte, conhecia-a já bastante bem, precisamente tanto como a conheço agora; e sabes, não falo por falar... Mas o resto: as variantes alexandrinas e bizantinas dos textos, os excertos citados, sempre mal, pelos autores latinos, as inúmeras conexões da literatura com a

mitologia, a história, a filosofia, as ciências! É de loucos, repito. Portanto estudava como um cão e além disso dava explicações a alguns alunos chumbados no liceu para poder pagar o alojamento na cidade. Pode-se dizer que me alimentava só de azeitonas pretas e de café. Ainda por cima deu-se a catástrofe daquele Verão de mil oitocentos e oitenta e sete que foi realmente infernal como de vez em quando as que se passam lá em baixo. O Etna de noite vomitava o ardor do sol armazenado durante as quinze horas do dia; se ao meio-dia se tocava no parapeito de uma varanda tínhamos de ir a correr ao pronto-socorro; os pedaços de lava pareciam em ponto de retornar ao estado fluído; e quando todos os dias o siroco nos batia na cara com asas de morcego viscoso, era de morrer. Estive muito mal. Um amigo salvou-me: encontrou-me quando eu corria desvairado pelas ruas balbuciando versos gregos de que já não compreendia o sentido. O meu aspecto impressionou-o. «Ouve,

Rosario, se continuas a ficar aqui enlouqueces e adeus concurso. Eu vou para a Suíça (aquele rapaz tinha dinheiro) mas em Augusta tenho uma casa de três assoalhadas a vinte metros do mar, muito longe da povoação. Faz as malas, pega nos teus livros e vai lá passar o Verão todo. Vem a minha casa daqui a uma hora para te dar a chave. Verás que ali é outra coisa. Na estação pergunta onde é o casal Carobene, toda a gente conhece. Mas vai mesmo, parte já esta noite.»

Segui o conselho, parti nessa mesma noite, e na madrugada seguinte, em vez dos canos da retrete que do outro lado do pátio me cumprimentavam ao acordar, vi-me diante de uma longa extensão de mar, tendo ao fundo o Etna já não impiedoso, envolvido nos vapores da manhã. O porto estava completamente deserto, como me disseste que ainda está agora, e de uma beleza única. A casinha nas suas saletas continha no total o sofá onde eu passara a noite, uma mesa e

três cadeiras; na cozinha uma ou outra panela e um velho fogão. Atrás da casa uma figueira e um poço. Um paraíso. Fui à aldeia, procurei o camponês de Carobene, combinei com ele que de dois em dois ou de três em três dias me traria pão, massa, umas couves e petróleo. O azeite tinha eu, daquele nosso que a minha pobre mãe me mandara de Catânia. Aluguei um barquinho que o pescador me levou à tarde juntamente com uma cana, linha e alguns anzóis. Decidira-me a ficar ali pelo menos dois meses.

Carobene tinha razão: era realmente outra coisa. O calor também era violento em Augusta mas já não reberverado por muros, produzia não uma prostração bestial mas uma espécie de calma euforia, e o sol, perdida a sua fúria de carnificina, contentava-se em ser um risonho embora brutal doador de energias, e também um mágico que encastoava diamantes móveis mesmo nas mais leves ondulações do mar. O estudo deixara de ser uma fadiga: ao balançar ligeiro

do barco em que ficava longas horas, todos os livros pareciam já não um obstáculo a superar mas antes uma chave que me abria a passagem para um mundo do qual tinha já debaixo dos olhos um dos aspectos mais encantadores. Acontecia-me com frequência dizer em voz alta versos dos poetas e os nomes daqueles deuses esquecidos, ignorados pela maioria, afloravam de novo à superfície daquele mar que outrora, bastava ouvi-los para se erguer em tumulto ou se aplacar em bonança.

O meu isolamento era absoluto, só interrompido pelas visitas do camponês que duas ou três vezes por semana me trazia os poucos mantimentos. Detinha-se apenas cinco minutos porque ao ver-me tão exaltado e desalinhado devia certamente considerar-me à beira de uma perigosa loucura. E para dizer a verdade, o sol, a solidão, as noites passadas sob o girar das estrelas, o silêncio, a escassa alimentação e o estudo de assuntos remotos, mantinham à minha volta como que um

encantamento que me predispunha ao prodígio.

Este veio a realizar-se na manhã de cinco de Agosto, às seis. Acordara há pouco tempo e tinha ido logo para o barco; duas ou três remadas afastaram-me das pedras da praia e parei junto de um rochedo cuja sombra me protegeria do sol que já subia, inchado de grande fúria, e transformava em ouro e azul a candura do mar auroral. Estava a declamar quando senti um brusco abaixamento do barco, à direita, atrás de mim, como se alguém se tivesse agarrado a ele para subir. Virei-me e vi-a: o rosto liso de uma adolescente emergia do mar, duas mãozinhas agarravam a corda da âncora. Aquela adolescente sorria, uma leve ruga afastava os lábios pálidos e deixava entrever uns dentinhos aguçados e brancos, como os dos cães. Contudo não era um desses sorrisos como se vêem entre vocês, sempre abastardados por uma expressão acessória, de benevolência ou de ironia, de piedade,

crueldade ou seja lá o que for; aquele exprimia-se apenas a si próprio, ou seja, uma quase bestial alegria de existir, uma quase divina felicidade. Este sorriso foi o primeiro dos sortilégios que actuou sobre mim revelando-me paraísos de esquecidas serenidades. Dos desordenados cabelos cor de sol a água do mar corria sobre os olhos verdes muito abertos, sobre as feições de infantil pureza.

A nossa sombria razão, por mais predisposta que esteja, irrita-se perante o prodígio e quando dá por um tenta apoiar-se na lembrança de fenómenos banais; tal como qualquer outro quis acreditar que tinha encontrado uma banhista e, movendo-me com precaução, cheguei à altura dela, curvei-me e estendi-lhe as mãos para a fazer subir. Mas ela, com espantoso vigor emergiu direita da água até à cintura, apertou-me o pescoço com os braços, envolveu-me num perfume que eu nunca sentira, e deixou-se escorregar para dentro do barco: abaixo das virilhas,

abaixo das nádegas o seu corpo era o de um peixe, revestido de minúsculas escamas cor de madrepérola e azuis, e terminava numa cauda bifurcada que lentamente batia no fundo do barco. Era uma Sereia.

Deitada de costas apoiava a cabeça nas mãos cruzadas, mostrava com tranquilo impudor os delicados pêlos debaixo das axilas, os seios afastados, o ventre perfeito; dela emanava o que defini mal como um perfume, um odor mágico de mar, de volúpia muito jovem. Estávamos à sombra mas a vinte metros de nós a marina abandonava-se ao sol e fremia de prazer. A minha nudez quase total escondia mal a própria emoção.

Ela falava e assim fiquei submerso, a seguir ao do sorriso e do odor, pelo terceiro e maior sortilégio, o da voz. Era um pouco gutural, velada, ressonante de inúmeras harmonias; como fundo para as palavras sentiam-se nela as indolentes ressacas dos mares estivos, o bater das últimas espumas na praia, a passagem dos ventos sobre as

ondas lunares. O canto das sereias, Corbera, não existe: a música a que não se escapa é apenas a da sua voz.

Falava grego e custava-me muito compreendê-la. "Ouvi-te falar sozinho numa língua semelhante à minha; gosto de ti, leva-me. Sou Lígia, sou filha de Calíope. Não acredites nas fábulas inventadas sobre nós; não matamos ninguém, só amamos."

Curvado sobre ela, remava, e fixava os seus olhos risonhos. Chegámos à margem: tomei nos meus braços o corpo aromático, passámos do fulgor à sombra densa; ela já me instilava na boca aquela volúpia que está para os vossos beijos terrestres como o vinho para a água salobra.

O senador narrava em voz baixa a sua aventura; eu que no coração sempre tinha contraposto as minhas variadas experiências femininas às que ele considerava medíocres e que daí tinha retirado um sentimento irracional de diminuída distância, sentia-me humilhado: até em questão de amores me via

abaixo dele a distâncias intransponíveis. Nunca por um instante tive a suspeita de que me contasse patranhas e até o mais céptico que estivesse presente teria notado a verdade mais segura no tom do velho.

— Assim tiveram início aquelas três semanas. Não é lícito, de resto não seria piedoso para contigo, entrar em pormenores. Basta dizer que naquelas uniões usava ao mesmo tempo das mais elevadas formas de volúpia espiritual e da elementar, privada de qualquer ressonância social, que os nossos pastores solitários experimentam quando nos montes se unem às suas cabras; se a comparação te repugna é porque não és capaz de efectuar a transposição necessária do plano bestial para o sobre-humano, planos estes que no meu caso estavam sobrepostos.

Pensa no que Balzac não ousou exprimir na *Passion dans le désert*. Dos membros dela imortais emanava um potencial de vida tamanho que as perdas de energia eram imediatamente compensadas, e até mesmo

acrescidas. Nesses dias, Corbera, amei tanto como cem dos vossos Don Juans juntos durante toda a vida. E que amores! Ao abrigo de conventos e de crimes, do rancor dos Comendadores e da trivialidade dos Leporellos, longe das pretensões do coração, dos falsos suspiros, das deliquescências fictícias que inevitavelmente mancham os vossos míseros beijos. Para dizer a verdade, perturbou-nos um Leporello no primeiro dia, e foi a única vez: pelas dez ouvi o ruído das sapatorras do camponês no carreiro que levava ao mar. Mal tive tempo de cobrir com um lençol o corpo insólito de Lígia quando ele chegou à porta: a cabeça, o pescoço e os braços dela que não estavam tapados fizeram crer ao Leporello que se tratava de um vulgar namorico meu e por isso incutiram-lhe um inesperado respeito; ficou ainda menos do que era costume e ao despedir-se piscou o olho esquerdo e com o polegar e o indicador da direita, encolhidos e fechados, fez o gesto de encaracolar ao canto da boca

um bigode imaginário, e afastou-se rapidamente pelo carreiro acima.

Falei de vinte dias passados juntos; não queria porém que tu imaginasses que durante essas três semanas ela e eu vivemos "maritalmente" como se diz, tendo em comum cama, comida e ocupações. As ausências de Lígia eram frequentíssimas: sem me dizer nada, primeiro mergulhava no mar e desaparecia, às vezes durante muitas horas. Quando regressava, quase sempre de madrugada ou me encontrava no barco ou, se estava ainda em casa, arrastava-se pelas rochas metade fora e metade dentro de água, sobre o dorso, fazendo força com os braços e chamando-me para a ajudar a subir para terra. "Sasá", chamava-me, porque lhe tinha dito que era este o diminutivo do meu nome. Neste acto, estorvada precisamente pela parte do seu corpo que lhe dava a libertação no mar apresentava o aspecto digno de compaixão de um animal ferido, aspecto que o riso dos seus olhos anulava imediatamente.

Ela só comia coisas vivas: via-a muitas vezes emergir do mar, o torso delicado a cintilar ao sol, enquanto despedaçava com os dentes um peixe prateado que ainda fremia; o sangue corria-lhe pelo queixo e depois de algumas dentadas a pescada ou a dourada meio esmagada era lançada para trás das suas costas e manchando-a de vermelho, afundava-se na água enquanto ela infantilmente gritava limpando os dentes com a língua. Uma vez dei-lhe vinho; pelo copo foi-lhe impossível beber, tive de lho deitar na minúscula palma da mão e ela bebeu-o fazendo estalar a língua como faz um cão enquanto nos olhos se lhe pintava a surpresa por aquele sabor desconhecido. Disse que era bom, mas depois recusou-o sempre. De quando em quando vinha à tona de água com as mãos cheias de ostras, de amêijoas, e enquanto eu me afadigava a abrir as cascas com uma faca, ela esmagava-as com uma pedra e sugava o molusco palpitante juntamente com bocadinhos de concha com que ela não se preocupava.

Já te disse, Corbera: era um animal mas ao mesmo tempo era também uma Imortal e é pena que ao falar não se possa continuamente exprimir esta síntese como com absoluta simplicidade ela a exprimia no seu próprio corpo. Não era só no acto carnal que ela manifestava uma alegria e uma delicadeza opostas ao obscuro cio animal mas o seu falar era de uma simplicidade poderosa que só encontrei em raros grandes poetas. Não é em vão que se é filha de Calíope: desconhecendo todas as culturas, ignorando todas as sabedorias, desdenhando qualquer obrigação moral, ela todavia fazia parte do nascimento de toda a cultura, de toda a sabedoria, de toda a ética, e sabia exprimir esta sua prioritária superioridade em termos de grande beleza. «Sou tudo porque sou apenas corrente de vida sem acidentes; sou imortal porque todas as mortes confluem em mim desde a da pescada até à de Zeus, e em mim reunidas retransformam-se em vida já não individual e indeterminada mas sim total e portanto livre.» Depois dizia: «Tu és belo e jovem; deverias seguir-me agora para o mar e sobreviverias às dores e à velhice; virias à minha residência, debaixo dos altíssimos montes de águas imóveis e obscuras, onde tudo é silenciosa calma tão natural que quem a possui nem sequer dá por ela. Eu amei-te e, recorda-o quando estiveres cansado, quando já não aguentares mais nada, só terás de debruçar-te sobre o mar e chamar-me: eu estarei sempre lá, porque estou em toda a parte, e tua sede de sono será saciada.» Contava-me a sua existência debaixo do mar, falava-me dos Tritões barbudos, das glaucas grutas marinhas, mas dizia-me que estas também eram fátuas aparências e que na verdade estavam bem mais no fundo, no cego mudo palácio de águas informes, eternas, sem brilhos nem sussurros.

Uma vez disse-me que estaria fora muito tempo, até à noite do dia seguinte. «Tenho de ir longe, aonde sei que encontrarei um presente para ti.»

Voltou de facto com um estupendo ramo de coral purpúreo incrustado de conchas e musgos marinhos. Conservei-o durante muito tempo numa gaveta e todas as noites beijava os pontos em que me recordava que tinham pousado os dedos da Indiferente, ou seja, da Benéfica. Mas um dia a Maria, aquela minha governanta que antecedeu a Bettina, roubou-o para o dar ao seu chulo. Descobri-o depois num joalheiro da Ponte Velha, profanado, limpo e lixado a ponto de estar quase irreconhecível. Comprei-o e de noite lancei-o ao Arno; tinha passado por demasiadas mãos profanas.

Falava-me também dos muitos amantes humanos que tivera durante a sua adolescência milenar: pescadores e marinheiros gregos, sicilianos, árabes, napolitanos, e alguns náufragos também, à deriva em frágeis jangadas a quem ela aparecera um instante no meio da trovoada para transformar em prazer o seu último suspiro. «Todos seguiram o meu convite, vieram

reencontrar-me, uns logo, outros decorrido o que para eles era muito tempo. Um só nunca mais se viu; era um belo rapagão de pele branquíssima e cabelos ruivos com o qual me uni numa praia longínqua lá onde o nosso mar se lança no grande oceano; cheirava a qualquer coisa mais forte do que aquele vinho que me deste no outro dia. Creio que não apareceu não certamente por ser feliz mas porque quando nos encontrámos estava tão bêbedo que já não percebia nada; devo ter-lhe parecido uma das pescadoras do costume.»

Aquelas semanas do Verão decorreram rápidas como uma única manhã, e quando passaram verifiquei que na realidade tinha vivido séculos. Aquela rapariguinha lasciva, aquela ferazinha cruel também fora mãe sensatíssima que só com a sua presença tinha erradicado fés, dissipado metafísicas; com os dedos frágeis, muitas vezes a sangrar, mostrara-me o caminho para os verdadeiros eternos repousos, e também para um asce-

tismo de vida derivado não da renúncia mas sim da impossibilidade de aceitar outros prazeres inferiores. Não serei eu certamente o segundo a não obedecer à sua chamada, não recusarei esta espécie de graça pagã que me foi concedida.

Em razão da sua própria violência aquele Verão foi muito breve. Logo a seguir ao vinte de Agosto juntaram-se as primeiras tímidas nuvens, choveram umas gotas isoladas tépidas como sangue. As noites foram todas um combinar-se no longínquo horizonte de lentos e mudos relampejares que se deduziam um do outro como as cogitações de um Deus. De manhã o mar cor de rola como uma rola magoava-se pelas suas arcanas e irrequitudes e à noite encrespava-se, sem que se sentisse brisa, num degradar de cinzentos-fumo, cinzentos-aço, cinzentos-pérola, suavíssimos todos e mais afectuosos que o esplendor de antes. Remotíssimos flocos de nevoeiro afloravam as águas: talvez nas costas gregas já estivesse a chover. Também

o humor de Lígia passava do esplendor à afectuosidade do cinzento. Calava-se mais, passava horas deitada no rochedo a olhar o horizonte já não imóvel, afastava-se pouco. «Queria ficar mais tempo contigo; se fosse agora para o largo os meus companheiros do mar não me deixavam voltar. Ouve-los? Estão a chamar-me.» Por vezes parecia-me ouvir realmente uma nota diferente, mais baixa entre o piar agudo das gaivotas e entrever cabeleiras fulmíneas no meio de duas rochas. «Tocam as suas conchas, chamam Lígia para as festas da tempestade.»

Esta chegou na madrugada do dia vinte e seis. Do escolho vimos o aproximar-se do vento que abalava as águas remotas, e ao pé de nós as ondas plúmbeas inchavam, vastas e indolentes. Em breve nos atingiu a rajada, soprando aos ouvidos, vergando os rosmaninhos ressequidos. O mar por baixo de nós rompeu-se, a primeira vaga avançou coroada de brancura. «Adeus, Sasá. Não te esquecerás de mim.» O vagalhão despedaçou-se contra

o rochedo, a Sereia lançou-se no meio do cintilar irisado; não a vi mergulhar; pareceu que se desfazia na espuma.

O senador partiu na manhã seguinte; fui à estação despedir-me dele. Ia conflituoso e mordaz como sempre, mas quando o comboio começou a mover-se, pela janela os seus dedos afagaram-me ao de leve a cabeça.

No dia seguinte, de madrugada, telefonaram de Génova para o jornal: durante a noite o senador La Ciura caíra ao mar da coberta do *Rex* que navegava para Nápoles, e embora tivessem lançado imediatamente chalupas ao mar, o corpo não fora recuperado.

Uma semana depois foi aberto o seu testamento: para a Bettina ia o dinheiro no banco e o mobiliário; a biblioteca era herdada pela Universidade de Catânia; num codicilo de recente data eu era nomeado como legatário do vaso grego com a figura das Sereias e da grande fotografia da "Koré" da Acrópole.

Os dois objectos, enviei-os para a minha casa de Palermo. Depois veio a guerra e enquanto eu estava em Marmarica com meio litro de água por dia os "Liberators" destruíram a minha casa: quando voltei a fotografia havia sido cortada às tiras que serviram de acendalhas aos saqueadores nocturnos; o vaso, quebraram-no; no fragmento maior vêem-se os pés de Ulisses amarrado ao mastro do navio. Ainda o conservo. Os livros foram depositados na cave da Universidade, mas como faltam as verbas para as estantes vão apodrecendo lentamente.

colecção cão vagabundo 32

HIE

feros artiodáctilos, da subordem dos ruminantes, família dos tragúlidas.

Hiena (*i*), *s. f.* (da gr. *hyaina*). Género de carnívoros, que tem o porte de um grande cão: «uma *hiena*, animal mui feroz e cruel, que fossa nas sepulturas para manjar cadáveres», Manuel Bernardes, *Nova Floresta*, III, 274; «Nas líbicas montanhas | As citales são feras, de pintura | Tão singular, que só co'a vista encantam. | As *hienas* levantam | A voz tão natural à voz humana, | Que quem as ouve, fàcilmente engana», Camões (cit. de Frei Domingos Vieira, *Dicionário*, s. v.); «A morte, como uma *hiena*, | Abriu a boca esfaimada», Guerra Junqueiro, *Musa em Férias*, 81, 5.ª ed.; «*hiena*, a qual ri com umas exultações ferozes», Camilo, *Cancioneiro*, Prefácio. ‖ *Fig.* Pessoa tão cobarde como cruel, cuja maldade se exerce na sombra, às ocultas.

Hiena malhada, *s. f. Zool.* Mamífero carnívoro e digitígrado, também chamado *lobo-*